

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

### A República

A República, finalmente, acordou. Desde que o Governo dos Açores pediu ajuda aos EUA para nos enviarem vacinas, passaram três meses.

Inicialmente, o inefável Ministro dos Negócios Estrangeiros amou e pensou que o pedido dos Açores não seria atendido nos meios políticos de Washington, mas a partir do momento em que lhe chegaram informações de que havia mesmo movimentações nos mais altos círculos políticos do Congresso e do Senado para ajudar ao pedido açoriano, a coisa passou a ser encarada mais a sério.

Seria vergonhoso que, no momento em que o nosso país desempenha pela quarta vez a presidência do Conselho da União Europeia, um país fora da comunidade viesse em socorro de uma parcela portuguesa.

O governo português sai bem deste imbróglia diplomático, ao reforçar, finalmente, com discriminação positiva, a vacinação nos Açores, dando assim um sinal aos parceiros europeus de que deveriam fazer o mesmo relativamente às suas ultraperiferias.

Só quem conhece o que se passou nos bastidores, nesta espécie de diplomacia paralela, entre Açores, EUA e Portugal, envolvendo muita gente da nossa comunidade na América e os próprios corredores da embaixada e do Congresso, é que compreenderá melhor a razão para a repentina posição do governo português em reforçar a nossa região com vacinas e técnicos militares da saúde.

Não é porque agora há mais vacinas.

Elas já existiam quando enviaram cerca de 20 mil para Cabo Verde.

É porque houve mesmo receio de que os EUA acessem ao pedido do Governo dos Açores.

Bastaria o Governo da República transformar o pedido açoriano em pedido oficial na mala diplomática.

Ainda bem que a República acordou a tempo e resolve o problema sem mais conflitos diplomáticos pelo meio.

Não é nenhum favor.

É um dever do país e um sinal positivo da prática de solidariedade que deve existir no seio da comunidade europeia, cujas instituições reconheceram a justiça do apelo açoriano.

Infelizmente não tiveram coragem de o pôr em prática, empurrando a solução do problema para os países membros.

Não fosse a pressão imposta pelo governo açoriano e ainda estaríamos a receber as vacinas com a mesma lentidão que a República nos impôs e que o Almirante Melo Gouveia reconheceu, desmentindo Vasco Cordeiro.

Fica a lição para todos.

## Cidade-irmã da Ribeira Grande

# Dia dos Açores foi celebrado em East Providence



POR AUGUSTO PESSOA, NOS EUA

O Dia dos Açores, instituído pelo parlamento açoriano em 1980, foi celebrado no passado 24 de maio de 2021, Segunda-Feira do Espírito Santo, no East Providence City Hall.

Mas, independentemente da atribuição histórica da data, a efeméride foi celebrada na Ribeira Grande Avenue, que atesta a gemação das cidades irmãs, East Providence-Ribeira Grande.

E, curiosamente, daquele movimento de gemação que levou a atribuição da placa toponímica, esteve presente o conselheiro das Comunidades Portuguesas, João Pacheco, natural da Ribeira Grande, S. Miguel.

E para completar o valor histórico da data, o Holy Ghost Beneficial Brotherhood (popularmente designado por Phillip Street Hall) relembrou a Segunda-Feira do Espírito Santo nos seus 123 anos de existência, com coroação e sopas ("take out").

East Providence, que detém a maior paróquia portuguesa, São Francisco Xavier (104 anos), está rodeada de cinco irmandades do Espírito Santo que através da sua presença, manifestaram o apoio ao Dia dos Açores, a saber: Irmandade do Divino Espírito Santo de São Pedro, Holy Ghost Brotherhood of Charity (Irmandade do Brightridge Avenue), Centro Cultural de Santa Maria (Irmandade Mariense), Holy Ghost Beneficial Brotherhood (Irmandade do Phillip Street Hall). Faltou ainda a centenária Irmandade do Theófilo Braga.

Victor Santos foi o mestre de cerimónias, integrado no elenco administrativo de East Providence que organizou o Dia dos Açores e que movimentou o associativismo local.

E para completar estes dados históricos em Dia dos Açores, o mayor Roberto Silva é lusodescendente oriundo de famílias dos Açores e que no uso da palavra enalteceu o valor da cerimónia face à alta percentagem de portugueses ali residentes na sua maioria originários da região Açores.

Exclusivo Portuguese Times/  
Diário dos Açores

